

## Do Dia da mentira ao Retrato de Dorian Gray

### *Estudo de caso de uma aplicação semiótica a partir da compreensão de que JID é Gênero*

*Djalma L. Benette (PUC-SP)*

#### **Resumo**

Nasceu com a imprensa européia o hábito de, em 1º de abril, brincar com seus leitores publicando notícias falsas décadas após Carlos IX, rei da França, em 1º de abril de 1564 ter determinado que o ano começaria em 1º de janeiro. Na imprensa mundial, ainda nos dias de hoje, existem casos dessas brincadeiras que entram para o folclore jornalístico. Foi em busca desta reflexão que o jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba-SP, em 1º de abril de 1999, resolveu fazer a mesma experiência. Na condição de jornalista responsável deste jornal, executei a tarefa. Foi um sucesso, mas só soube disso após a publicação. Porém, não foi nenhum acaso, ao contrário, o processo todo esteve conduzido num conhecimento baseado num sistema semiótico relatado neste artigo.

**Palavras-chave:** jornal, jornalismo, sistema modelizante, semiótica, semiosfera, gênero, código, texto

#### **Introdução**

Quem perder de vista que uma edição de um Jornal Impresso Diário (JID) qualquer é tão somente o elo de uma corrente - todas as edições dele, do dia em que apareceu pela primeira vez até a última - não vai entender qual relação existe entre seus leitores e ele em si.

Além disso, tão importante quanto ter a noção de que um JID é o conjunto de suas edições e não uma delas vista isoladamente, é estar atento ao fato de que está em questão sua presença neste início de século 21, portanto em interação com os mais variados tipos de meios de comunicação.

Por fim, a compreensão do JID neste artigo terá que estar inter-relacionada com a compreensão da época na qual vivemos e sua inserção ser das mais atuais. Nascido num mundo essencialmente da visão, no século 16, que perdurou ao menos até o século 19, quando o Homem passou a desenvolver um outro mecanismo de sua percepção, a audição - embora continue no papel, confinado a linguagem de dois códigos (Verbal e Visual) - o JID é fruto do "mundo acústico, que é o mundo elétrico da simultaneidade, que não tem nenhuma continuidade, nenhuma homogeneidade, nenhuma conexão" (McLuhan, 2001: 30). Enfim, o JID é um elemento e não o elemento que dá liga a massa social que vive nas comunidades por onde circulam.

Sendo fruto de um processo empresarial, o JID é objeto, produto e signo exatamente nesta ordem e essa diferença é fundamental para sua compreensão no ambiente social. Nas quatro paredes da indústria onde é confeccionado, ele passa por um complicado sistema até estar impresso do modo como seus leitores conhecem-no. Até esse momento, antes de ser posto no comércio, ele nada mais é do que um objeto qualquer, como o são os sabonetes antes de serem usados para a higiene do corpo na hora do banho. Da porta da indústria para fora, no ambiente social, ele apresenta-se como produto a ser adquirido por consumidores para um determinado fim assim como também ocorre com o objeto sabonete que vira produto ao ser comercializado. Porém, se o sabonete claramente é um bem de consumo destinado basicamente à higiene do corpo - embora existam exceções ao seu uso e fim - o JID quando passa de objeto a produto carrega consigo aquilo que o representa, ou seja, o signo, em suma, a explicação do objeto. (Peirce, 1972: 96).

Diante deste quadro fica evidente que o jornal impresso diário limita-se ao que pode haver de mais provável no ambiente social e é igual a cada dia - a idéia de que cada edição é o elo da corrente - justamente para que o improvável não aconteça. Por isso, ao moldar-se cotidianamente em torno do que o leitor já viu, ouviu, sentiu (gosto e tato) ou cheirou, enfim, percebeu, seja no nível pessoal ou pelo relato do Outro (veículo de comunicação ou pessoa) o JID confirma a existência dele dentro de uma rotina que lhe é familiar, portanto, não oferece medo, confronto.

Uma hipótese, a melhor que consigo pensar, mais provável para a mais inesperada das mensagens (o confronto dito agora mesmo) é a não circulação de uma edição num dia **provável** de sua circulação, ou a circulação com páginas em branco em seu todo ou algumas delas. Uma outra possibilidade, experimentada sob o meu comando no jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba-SP, em 1º de Abril de 1999, foi a publicação de uma primeira página de "mentira", onde experimentei, num específico contexto e determinada circunstância, a possibilidade de provar, na prática da profissão, que se em branco não sai, mesmo que o que saia seja ficção, o leitor se satisfaz. Essa experiência demonstrou que somente o que está bem distante do senso comum permite a percepção de que algo não condiz com o que o leitor, habituado

com aquele JID em específico, preserva em sua memória graças a convivência de uma edição atrás da outra.

Ora, sendo o Cruzeiro do Sul um dos mais antigos jornais brasileiros em contínua circulação (foi fundado em 1903), disputando a liderança de jornal diário impresso mais vendido no interior do Estado de São Paulo junto com o Correio Popular de Campinas, ele não podia ser usado como um laboratório qualquer cujo as conseqüências seriam imprevisíveis. Qualquer decisão - como a que foi tomada - de promover o confronto de um dos elos da corrente com todos os anteriores, deveria estar dentro de um planejamento capaz de reverter qualquer fiasco que pudesse ter ocorrido - o que não foi o caso, diga-se.

A idéia de quebrar a corrente e promover o confronto nasceu do Departamento Comercial, responsável pela entrada de dinheiro na indústria que faz o jornal, com o objetivo de agitar o mercado, ou seja, a fugacidade de uma venda melhor. Porém, a construção do JID é reflexo da ação de um outro departamento, tão importante quanto, denominado de jornalístico, este sim de minha responsabilidade. Portanto, a execução da idéia de um outro departamento exigia compreender o JID enquanto gênero.

### **Código, Gênero e Texto**

Em primeiro lugar é necessária a percepção de que há uma relação de uso e consumo cotidiana que faz do JID uma fonte diária de informação, um dos lugares onde nasce aquilo que as pessoas sabem de modo a entender sua existência na comunidade e no mundo. Por suas próprias características (de objeto/produto/signo) o JID exige do consumidor um domínio dos códigos, ou seja, a compreensão do jornal enquanto um sistema de invariantes dentro de variações que nada mais é do que uma relação de complementaridade e diversidade, portanto não de hierarquia. Ou seja, por ser código, o JID é gênero. Neste sentido, os códigos que o jornal impresso diário contém e, também, está contido, funcionam de modo a permitir o fenômeno da comunicação enquanto relação de troca sem reduzi-lo a uma regra de causalidade. Neste sentido os códigos enfatizam o universo probabilístico que contém o jornal

impresso diário. Isso quer dizer que ele, enquanto objeto, não é o que converte o "mundo" de modo a dar representação final a esse "mundo". Mas é a expressão de uma tradução, enquanto explicitação, desse mundo através de um universo probabilístico, ou seja, a partir da seleção e combinação (do ponto de vista de quem faz - jornalista - e lê) do universo contingente *em formação* (informação) constante.

Isso, enfim, quer dizer que o jornal se expressa numa organização específica que necessita ser dominada por quem o consome a fim de que exista significação, ou seja, a necessidade de entender a comunicação como sistema semiótico e a cultura como um conjunto unificado de sistemas (Texto no conceito de Lotman), ou seja, é entender o jornal impresso diário na sociedade de modo dialógico onde há código comum de dois enunciados justapostos e a presença de determinada memória comum entre destinador e destinatário, ou seja, "a ausência dessas condições fazem indecifrável o texto" (Lotman, 1996: 111).

É esse o ponto onde está calcada a formação do sistema semiótico que define o JID enquanto gênero, a partir de sua estrutura própria, particular, diferente de qualquer outro veículo. Tal estrutura se concentra em dois núcleos, ou seja, os códigos visuais e verbais que o compõem, mas se baseia numa única fonte geradora de sentido seja em qual das linguagens ela esteja se manifestando: a notícia.

Porém, o ponto de partida para a compreensão do jornal como sistema semiótico é a definição de sua estruturalidade a partir da sua fonte, a notícia/informação. Estruturalidade - no caso aqui em questão - tem clara relação com estrutura, termo que provém da palavra latina *structura* e deriva do verbo *struere*, que significa "construir", no sentido de dar conferência de estrutura a sistemas que, por natureza, não dispõem de um modo organizado para a transmissão de mensagens a partir de uma estrutura primeira, a linguagem natural. Ou seja, a estruturalidade é o ponto de partida dos sistemas modelizantes e se define como uma fonte ou um modelo a ser aplicado. Grosso modo, estruturalidade é a flexibilidade com que pode sofrer ações determinado fim.

Dessa estruturalidade nasce o sistema semiótico e resulta a notícia que, por sua vez, é o foco gerador que estará sempre presente nas mais variadas formações textuais (no sentido de Lotman) do jornal impresso: os assim chamados gêneros

discursivos (no sentido de Bakhtin). Nos gêneros residem a noção de jornal como sistema modelizante. Portanto, para o jornal ser jornal é, antes de mais nada, necessário que haja informação, mas não qualquer informação, mas sim a narração resumida dessa informação tendo como princípio o novo, aquilo que não é conhecido do público-leitor, embora lhe seja familiar.

A notícia se constitui numa cadeia de gêneros discursivos que, em essência, acabam por ser o JID. Esse gêneros podem ser entendidos a partir dos recursos próprios da edição do jornal tais como: título, imagens (fotografias, ilustração, infografia, selo, charges), recursos gráficos (olho, linhão, janela), ou seja, em gêneros discursivos. Além disso, é da notícia que surgem outros gêneros, estes jornalísticos, como a crônica, o comentário, a análise, a crítica, a opinião, a narração, esses todos verbais.

No jornal impresso diário, na maioria absoluta das vezes, os gêneros se originam depois da notícia que “nasceu” depois da informação. A possibilidade de ler os gêneros discursivos gerados pela notícia revela o processo semiótico de modelização em que o jornal se apresenta como um sistema de signos articulado por vários subsistemas - uma notícia qualquer "nasce" dentro de uma coluna fixa do jornal; depois (edições seguintes) vira manchete do jornal; as personagens até então descritas verbalmente ganham iconicidade pela fotografia; o assunto se mantém no noticiário e vira ilustração; depois infografia (foto+desenho+texto); depois chega na coluna "Carta do leitor"; passa para a coluna "Editorial", do cronista etc e tal. Ocorre a metalinguagem e a seção do jornal dedicada aos assuntos de televisão traz o assunto que saiu do jornal, foi à TV e retorna ao jornal; a notícia chega até o espaço da Charge.

Entendido dessa forma, o jornal impresso diário, enquanto sistema modelizante, deve ser pensado em dois níveis. A linguagem verbal, de onde todos os Textos (narrativas ou imagens) são originados, está calcado em notícia e apresenta a trajetória já descrita. Porém, de onde vem a possibilidade de expressão/representação dessa base da linguagem verbal? Sem dúvida, é da visualidade, da diagramação do jornal. Dela se verifica a disposição dos Textos, verbais e não-verbais, organizados semioticamente, ou seja, a espacialidade e a temporalidade do objeto. Compreender a

dimensão semiótica do tratamento gráfico é um modo de alcançar a própria dimensão ideológica que define não só o que vai ter mais ou menos destaque num jornal, mas aquilo que deve despertar o interesse do leitor e fazer com que a troca (comunicação) não acabe.

No sentido modelizante deste tópico aborda-se a materialidade do jornal impresso diário por meio da linguagem verbal, esta, por sua vez, não se manifesta sem a linguagem visual no sentido da representação por convenção, os gráficos, diagramas, sistema usados em seu processo industrial. Cada página pronta do jornal nasce de uma representação convencionada (tamanho de página, da área de mancha, da espacialização onde haverá a manifestação via verbalização ou imagens). Há razões comerciais, essencialmente, por trás dessa convenção. Não importa aqui discutir os motivos que levaram à convenção, mas somente de constatar que essa convenção fez com que o jornal tivesse como suporte material o que hoje se apresenta.

Ou seja, ao compreender o Signo jornal impresso diário por uma constituição de Códigos que permitem a ele ser Gênero no âmbito da cultura (Texto) me pareceu evidente que a hipótese de promover o confronto naquele momento (a edição de 1º de Abril) só daria certo caso por trás estivesse a ironia do Espaço (brincar com a mentira daquele dia cujo o significado de zombar faz parte da memória da comunidade por onde o jornal circula) e o contexto do Tempo (a data era extensão de um final de semana prolongado) como era o caso.

O sucesso da empreitada - a repercussão na sociedade atesta isso - portanto em nada relaciona-se com o acaso ou intuição, mas a compreensão de todo o sistema envolvendo o JID - os processos de confecção, distribuição e significação. Enfim, àquela capa tinha de registrar o ambiente cotidiano com a mesma despreensão das anteriores a fim de que o olhar, primeiramente, não denunciasse a brincadeira, portanto, levando ao fiasco da empreitada. Ou seja, o reconhecimento daquela situação tinha de vir do próprio jornal, imediatamente na página seguinte, a fim do leitor estar tranqüilo na sua posição de confiabilidade com o JID.

Um dos relatos que repercutiram essa experiência no dia seguinte a ela, claramente indica isso. Uma jornaleira, acostumada somente em ver ("ler") a capa do

jornal só teve dimensão que se tratava de uma brincadeira de 1º de Abril quando um outro leitor, que tinha lido aquela edição por inteiro, disse-lhe do que se tratava. Ou seja, a "verdade" - seja lá o que for isso - do JID, claramente este episódio demonstrou, está em sua expressão e não no conteúdo. Isso demonstra, obviamente, que em outras edições, quando não está em questão uma brincadeira, como neste caso, é possível a manipulação do que quer que seja, com total aprovação do leitor, desde que não coloque-o em confronto com aquilo que está familiarizado. A experiência deixou evidente que quanto menor a **expressão** do manipulado, menor a chance de ser percebido, assim também se dá o inverso.

### **A Expressão e o conteúdo**

Enfim, ler - não àquele confortável ponto de vista passivo do leitor - é compreender este sistema e dominar a idéia de Conceito/Gênero/Texto que há por trás do JID, pois cada página, cada uma até a totalidade de uma edição qualquer, se dá a partir de uma visualidade convencionada (código). Os Textos (verbais ou visuais que se originam na Notícia) existem por causa da tradução em Gênero do objeto. Isso quer dizer, portanto, que antes do sistema modelizante no âmbito jornalístico há uma outra modelização por trás desse sistema, ou seja, a da matriz Visual delimitada no diagrama onde está baseada cada uma das páginas que, juntas, formam o todo.

A partir desse sistema semiótico, portanto, é possível compreender o que sai no jornal impresso diário a partir da referência nuclear de que o que sai é determinado pelo diagrama, o suporte primeiro de cada uma das páginas impressas. Ou seja, o diagrama onde está definido onde vai um anúncio e o espaço que sobra para a manifestação jornalística.

Desse modo, a compreensão do jornal impresso diário fica possível quando se compreende que por parte do leitor de uma informação publicitária, de uma informação jornalística, de uma informação verbal, de uma informação visual, numa página qualquer de qualquer jornal, se dá a partir da compreensão de que cada informação é parte integrante de um sistema que só significa, por sua vez, em função desse sistema como um todo. Em torno dele próprio, esse sistema produz o gênero e

extrapola a fronteira, enfim, "o jogo entre diferentes estruturas e subestruturas, as ininterruptas erupções semióticas vindas de um território alheio, que determinam engendramentos de sentido, o surgimento de nova informação" (Lotman, 1996: 31-33).

Sendo, enfim, o jornalismo calcado em "fato" para que nasça o *Jornal Impresso Diário* fica evidente que não é a experiência que organiza a expressão, mas a expressão que organiza a experiência, ou seja, não é o conteúdo do JID, mas a forma como esse conteúdo é expressado que faz do JID um gênero discursivo, usando de uma outra metáfora, "correias de transmissão que levam a história da sociedade" (Bakhtin, 1997: 285).

Compreendido dessa forma, enfim, na experiência em questão do 1º de Abril de 1999 do *Cruzeiro do Sul* de Sorocaba, minha única preocupação foi, primeiro, escolher os "fatos" (no caso fictícios para a elaboração da mentira do conteúdo) e expressá-los de modo verdadeiro (ou seja, mantendo pela forma a manutenção de similaridade da edição de brincadeira com as outras que existiram até então).

Diante disso, enfim, era evidente que nada que fosse desfamiliarizado ao cotidiano do leitor do *Cruzeiro do Sul* provocaria surpresa já que somente um dos códigos (o verbal) estava sendo manipulado na brincadeira, já que o outro (o visual) era o que daria liga para a eventual (que depois se concretizou) zombaria. Diante disso, somente elementos do "cotidiano" poderiam ser os "fatos" que dessem origem as falsas notícias, ou seja, ao confronto.

Sem a compreensão disso tudo, não haveria controle e, portanto, estava eliminada a chance de risco.

### **Passadas dos pisantes**

Sendo a expressão o segundo nível de modelização dentro do sistema semiótico onde a estrutura permite o fluxo de comunicação (entre quem constrói o JID, enquanto metáfora de representação da "realidade/fato-acontecimento" ou quem faz o JID, enquanto um produto qualquer de consumo formalizado num objeto concreto) fica evidente que cabe à articulação dos gêneros - que comportam a dimensão de cada

enunciado isoladamente - dar sentido ao complexo caos estrutural que, de fato, é a edição de um dia qualquer de um jornal qualquer.

Ora, se é a seqüência de gêneros articuladas numa lógica, onde o que conta é a memória para dar sentido a comunicação, é então a ação cibernética que permite o sistema de funcionamento do jornal a partir de um "combustível" que permite o movimento diário de toda a máquina-JID. Esse combustível é a notícia, a matéria-prima do jornal que não é encontrada na "natureza", mas é produzida de um elemento "natural", pode-se dizer, chamado informação.

Embora esteja e seja "tudo", a informação de caráter jornalístico, portanto a que pode ser transformada em notícia que vai mover a máquina-JID, precisa ser garimpada entre "Ns" informações. Nesse garimpo, em especialidades bem definidas o jornalista encontra a "boa" informação. Numa época de menor concorrência - que não é essa de início do século 21 - havia menos garimpeiros e por isso mais chance de se toparem com a "boa" informação. Com a explosão de diferentes tipos de mídias e de vários títulos de JID, a informação passível de ser transformada em combustível é escassa.

Por ser negócio, o JID passou a exigir cada vez mais dos seus "garimpeiros" e somente àqueles capazes de produzir o melhor "combustível" mantêm-se na profissão pelo critério da qualidade. Outros, a grande maioria, conseguem manter-se na profissão simplesmente porque conseguem produzir "combustível" (notícia) mesmo que não seja de qualidade, mas somente aceitável; assim sustentam-se pela quantidade. De empresa para empresa varia o nível de reconhecimento profissional de um tipo e outro de jornalistas (garimpeiros), mas o caso é que eles são iguais no fato de produzirem: numa situação a vantagem está no atacado, onde é possível ganhar pela quantidade; no outro caso ganha-se pela qualidade, ou seja, há uma pequena produção, mas de raríssimo interesse, portanto ganha-se pelo alto preço com que é comercializada.

Num caso e noutro, já que o acaso é praticamente inexistente, o que vale para o profissional é saber onde colher a "boa" informação da qual é possível produzir notícia. Para saber é, por mais óbvio que pareça, necessário que alguém conte onde está. Quem conta leva o nome de fonte. Pois bem, é aqui que entra o ambiente social

que aglutina toda a existência, ou seja, as relações entre pessoas e pessoas, pessoas e coisas, pessoas e instituições, pessoas e idéias, pessoas e pensamento, pessoas e consumo. Enfim, aquilo que interessa às pessoas. É aqui, portanto, que fala-se de era, como unidade de marcação do tempo.

O JID, nessa passagem de século, está atrelado à Era Eletrônica, ou seja, a relação do "garimpeiro" com seu objeto (jornalista com a informação) dá-se instantaneamente, onde a imagem está no caos estrutural do mundo visual e tão veloz que impede qualquer nível de reflexão sobre o que é colhido e, desse modo, qualquer chance de fugir a previsibilidade do combustível (notícia) a ser produzido. Nessa era Eletrônica, as fontes estão à margem das estradas (cursus) por onde trilham, cotidianamente, os garimpeiros. Não há, na estrutura de hoje, a menor chance do jornalista se atrever a sair da trilha, do curso, como àquele formado num campo pelas pisadas dos passantes. A necessidade diária de mais e mais combustível para mover a engrenagem cibernética de composição diária do JID impede o garimpeiro, sequer, de pensar em navegar (essência da Era Digital) quanto mais de colocá-lo em prática.

As fontes, pela própria estrutura jurídica da composição social, estão formatadas em saberes tradicionais e, melhor do que qualquer um, compreendem o processo de produção da "realidade/fato-acontecimento", ou seja, da notícia. Preso às fontes por causa da necessidade de produção, já que se for "improdutivo" perde o emprego, portanto a chance de viver inserido no contexto social, o jornalista (garimpeiro) vê-se confinado a reproduzir o que está sacramentado nas instituições, ou seja, há cada vez mais, menos espaço para o conhecimento, apenas para a reprodução do que está estabelecido.

Desse modo, viver na Era Eletrônica, a qual o JID ainda está atrelado, significa um JID reprodutor de átomos (concretude de objetos/idéias). Viver na Era Digital, por sua vez, significa um JID permitindo a navegação, portanto, a produção de um novo combustível (notícia) feito a partir de bits (virtualidade), ou seja, um novo combustível só exerce diferença num novo motor, ou, a Era Digital vai permitir um novo jornalismo, portanto será necessário um novo JID. Não se trata de mudança de suporte, como equivocadamente alguns têm insistido, pode ser o mesmo e velho papel de sempre. O que não pode, porém, é a reprodução de certezas fantasiosas

alimentadas cotidianamente pelas "circunstâncias" que dão aparência de novo no que continua velho.

O que perdura na Era Eletrônica é o conceito de que combustível bom é aquele que posso pagar e que faz o fusquinha andar, ou seja, notícia boa é aquela que fica pronta a TEMPO de ser publicada. Na Era Digital, combustível bom é aquele que não polui, não tem lugar fixo para estar (ESPAÇO) e permite que se vá além de onde se está (do institucionalizado para o Conhecimento). Dará mais trabalho, custará mais, necessitará de investimento no preparo adequado dos garimpeiros (jornalistas), mas o mundo não ficará tão continuamente desigual como igualmente tem estado.

Diante disso, estava evidente de que somente a elaboração da "piada" (a capa de mentira) a partir de um conceito de notícia provocaria o estranhamento, ou seja, os elementos visuais deveriam (como foram) mantidos de acordo com o que cada leitor tinha na memória do seu seu JID em contradição com o conteúdo expressado. Este, por sua vez, tinha de ter a essência do conteúdo cotidiano, ou seja, não podia desvincular-se do conceito de notícia, ou seja, escolhi um conteúdo de evidente modificação daquilo que o leitor tinha na memória e aproveitei esta chance para manter a manifestação da ideologia do veículo, ou seja, a necessidade de cada Homem, em seu cotidiano, ser perseverante.

Nenhum dos "fatos" traduzidos em notícias naquela edição de brincadeira estavam fora do alcance da compreensão do leitor. Ao contrário, os temas, cada um deles, de Educação, Economia, Esportes... foram os mesmos das edições anteriores. A mentira, necessária para a concretização da brincadeira, estava justamente numa das hipóteses de desvinculamento dos fatos que há tempos ocupa o noticiário. O maior exemplo, sem dúvida, é a batalha de Sorocaba e região por ter sua universidade pública. Não tem e está longe de ter apesar de uma luta que ultrapassa, já, quatro décadas. Naquele dia, a mentira era: Universidade Pública é inaugurada. Ou seja, visualmente não havia nenhuma contradição; do ponto de vista do conteúdo, também não havia contradição. Somente a verossimelhança entre o que ali estava narrado e o que era fato no ambiente social se dissociavam. Ou seja, nenhum elemento permite ao leitor saber quando está sendo enganado, desde conteúdo e expressão não provoquem confronto com o que ele, leitor, mantém na memória.

## Corrente do tempo e espaço

É fundamental a reflexão desse estudo de caso no sentido de perceber que toda construção da "piada" deu-se a partir do conceito de sistema modelizante, o mesmo usado para a elaboração do produto que não é piada. A origem das coisas - seja no caso de um sistema modelizante ou de um processo cibernético - é o ponto de partida para a descoberta (mostrar o que estava encoberto) daquilo que a informação, na verdade, significa. Aqui, outra vez, insisto em lembrar Peirce quando afirma que "só entendemos o que estamos preparados a interpretar". Ou seja, a informação só significa dentro das possibilidades que o sujeito está apto a entendê-la.

Caso tivesse alterado o código, o JID daquele 1º de Abril não seria reconhecido por seu leitor e, portanto, a piada não teria acontecido. Da mesma forma, sem dúvida, sem a compreensão do JID em toda essa complexidade aqui exposta, não seria possível a elaboração daquela imagem fixa e única daquela capa. Sozinha, sem relação com as edições anteriores e posteriores, aquela brincadeira tem um significado completamente diferente de quando confrontado com as relações causais, temporais e probabilísticas possíveis na construção narrativa da corrente como um todo.

Do mesmo modo que Dorian Gray, no romance de Oscar Wilde, mantém-se de aparência jovem, enquanto a sua imagem envelhece, numa metafórica alusão do contraditório confronto entre a "coisa" e seu "espectro", um JID, cotidianamente, caso não caia na tentação de ir além do senso comum, estará sedimentado em sua relação com o leitor. Caso mantenha-se nessa vocação, o jornal impresso diário se perpetuará naquilo que seu próprio nome traz embutido, seja qual for o idioma usado para nomeá-lo: *Zeitung*; *Journal*; *Krant* são algumas das palavras usadas no mundo ocidental para fazer referência ao objeto aqui estudado.

O alemão *Zeitung* é uma combinação de tempo+ação. O holandês *krant* vem do francês *courant* que pode significar corrente, que corre, portanto algo que é pescado da corrente de um tempo. Já a palavra francesa *journal* vem do latim *diurnalis* que nada mais é do que diário para nós de língua portuguesa ou para os espanhóis. Aquele

que sai todo dia com àquilo que é pescado da corrente do tempo como bem lembra o nome usado pelos holandeses.

Mas além disso, o que mais encanta no conceito francês, espanhol e português da palavra é que a mesma grafia preserva um outro esplêndido sentido, percebido primeiramente pelo escritor holandês Cees Nootboom. Ele notou que além de ser o jornal que nos motiva esta reflexão, também é o *diário* propriamente dito: anotações feitas em sua maioria por adolescentes e escritores sobre **fatos/acontecimentos** da sua existência.

Lembrando o escritor argentino Jorge Luís Borges, Nootboom, delicia-se com a idéia de que a junção de todos os jornais do mundo, de um mesmo dia, signifique, enfim, o diário do mundo - um relatório pescado no rio do tempo que exprima o que **aconteceu ontem**, enfim que ateste: o mundo existe (Nootboom, 1996: 2-3).

Talvez isso não seja tão óbvio quanto pareça a primeira vista. Cada vez mais englobado pela imagem instantânea que a TV traz para dentro de sua casa, o cidadão perde aos poucos o senso para a distinção entre o que é a realidade de *ontem* e o que é a virtualidade da sua existência. Até os infográficos de uma molécula, usados numa reportagem de TV para explicar a Aids, confundem o que é de fato uma molécula. A imagem criada passa, de fato, a ser a molécula em si. A virtualidade animada e configurada ao prazer de jornalistas faz da realidade uma dúvida premente na vida do cidadão comum.

O jogo de ontem, o capítulo de hoje da novela, a mudança de partido de determinado político, a enchente no outro lado do Planeta. São fatos que existem e nada tem a ver com a ficção de uma virtualidade cada vez mais crescente neste mundo globalizado pela relações econômicas, mas principalmente pela instantaneidade da comunicação.

Este jornal, portanto, existe com a pretensão de ser o espelho (*Spiegel* é uma das principais publicações da Alemanha, assim como o *Mirror* na Inglaterra) de um tempo contemporâneo na existência do homem comum. Não é a história (que os livros encarregam-se de guardar), mas é o seu presente fugaz. Isto quer dizer que em termos de **tempo** o jornal é aquele que atesta a existência do homem neste mundo,

enquanto que em termos de **espaço** é o local que evita de falar da sua possibilidade de compreender o que acontece hoje por causa do que foi decidido ontem.

Sem exprimir o que é subjetivo nas questões objetivas que relata todo dia, o jornal decreta a impossibilidade de um indivíduo construir um destino ímpar e coloca-o dentro de um aglomerado, a massa social, onde toda iniciativa individual é inútil. Assim, jornais como "*Folha...*" nada mais significam - numa analogia com a folha de uma árvore - do que a tentativa de se renovar sempre para dizer não só que o tempo passou (hoje já não é ontem/ agora é outono e não mais primavera), mas que ainda há esperança. Outros vão mais longe, além de serem jornais, dizem-se jornais de localidades específicas: "*O Estado de...*".

Dentro deste panorama, involuntariamente, pelo próprio sentido da palavra, acabam por ser o reflexo do *estado* em que determinada sociedade encontra-se naquele tempo específico. Outros jornais, ainda, nascem com a intenção de não só ser o tempo e o espaço dos seus leitores, mas também ser o seu guia. Este pode ser o caso de *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba. Além de nome de jornal, é universalmente um conjunto de estrelas do "céu" do Planeta. Era pelo "cruzeiro do sul" que os navegantes (antes das bússolas) dirigiam-se pelos oceanos e mares. E, ao ser nome de jornal, tem a pretensão de ser o guia de seus leitores rumo ao "conhecimento" do que aconteceu ontem.

Seja pelo ângulo que for, da construção da notícia, da sua leitura, da sua visualidade, da sua função econômica, não importa, o jornal impresso diário - enquanto um objeto complexo - é uma unidade formada de "cadeias de atos que convergem para um mesmo ponto. É o que se dá na montagem de várias peças de máquina, cada qual usinada em uma série particular e vindo compor um todo, que sofrerá, por sua vez, nova série de operações" (Moles, 1973: 92).

## **Conclusão**

Aqui reside toda a questão ideológica contida na produção do jornal impresso diário enquanto sistema semiótico modelizante, afinal, caso não confronte seu leitor (a edição do dia com as outras que ele mantém na memória), pelo conteúdo ou forma,

pelo verbal ou visual, o JID está calcado num modelo onde o processo determina-o como ele é e, por isso mesmo, o jornalismo que ele pratica, a propaganda que comercializa, a função que ele desempenha nas relações sociais. Afinal, o JID de que falamos é feito de papel, “o único lugar em que as palavras ainda estão presentes; em qualquer outra mídia elas estão voando” (KERCKHOVE, 2001: B-8), ou seja, é o único lugar onde o casamento verbal e visual, ou seja, "palavra e imagem, é como cadeira e mesa: para estar à mesa necessitamos das duas"(GODARD, 1993).

Sem entender isso, não seria possível a experiência de 1º de Abril. Não, pelo menos, num centenário jornal, líder de mercado, cuja a preocupação número 1 dos donos é a de continuar existindo. Não seria, enfim, possível, cotidianamente, a construção da realidade. Ou alguém acha mesmo que não é ficção manchetes como “Caso Marka leva Malan ao Senado” (manchete do jornal Folha de S. Paulo de 22/5/2001) ou “Como fazer os cortes de luz. Essa é a grande dúvida” (manchete de O Estado de S. Paulo de 22/5/2001) ou, ainda, “Indústria busca alternativas ao racionamento” (manchete de Valor, em 22/5/2001) ou “Cortar luz de todo mundo que não poupar é inviável” (manchete do Jornal da Tarde de 22/5/2001). A diferença entre estas ou qualquer outra, de qualquer lugar, escolhida aleatoriamente, e a da experiência de 1º de abril, é que esta última não tem similaridade temporal entre o que estava narrado (“Universidade Pública é inaugurada”) e o que acontecia na comunidade (uma luta de décadas por uma universidade gratuita), enquanto as outras, as de “verdade”, possui tal similaridade.

Do contrário, tirando a similaridade temporal, as manchetes (gêneros discursivos) são fruto da notícia (a imaginação do jornalista); obrigatoriamente tem relação com o noticiário imediatamente anterior, do ponto de vista visual; são “novidades” atualizadas do ponto de vista verbal; são afirmações no tempo presente, apesar de referirem-se sempre ao passado; referem-se a comunidade onde circulam; apresentam-se como esclarecedoras; dão a aparência de colaborar com o bem estar da comunidade; assumem-se como “donas da verdade”; são taxativas e instigantes. Enfim, são "produtos à venda" (MEDINA, ); "são o que os jornalistas acreditam que interessa aos leitores" (SODRÉ, 1986: 18); são produto jornalístico de "negociantes

de frases que vivem desse comércio" (WISNIK, 1992: 337). Quem atira a primeira pedra?

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*; tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GODARD, Jean-Luc, em "Fragments du discours d'un amoureux des mots". Em *Telêrama*, 08/09/1993.
- KERCKHOVE, Derrick de. Em "Propalado fim do papel ainda não saiu do papel", *Valor*, caderno Empresas, em 01/03/2001
- LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I - semiótica de la cultura y del texto*; traducción Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra/Universitat de València, 1996.
- LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II - semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*; tradução Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra/Universitat de València, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. Em "Dos Olhos aos Ouvidos", *Valor*, caderno Eu, em 16,17 e 18/02/2001
- MOLES, Abraham. "Cibernética e ação"; tradução Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota in *Cibernética e Comunicação*, organização Isaac Epstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- NOOTEBOOM, Cees. "Tempo temporizado. Da leitura de jornais". In *Revista Humboldt* - nº 72; tradução George Bernard Sperber. Bonn (Federal Republic of Germany): Inter Naciones, 1996.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia - textos escolhidos*; tradução Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena, *Técnica de Reportagem: técnica sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- WISNIK, José Miguel. Em "Ilusões Perdidas". Em *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras e Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

### Djalma Luis Benette

Jornalista, redator do jornal *Cruzeiro do Sul*, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.